

Economia.

18 concursos com inscrições abertas neste início de ano

Pág. 34

EDITORA:
ELAINE SILVA
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinheiro

INVESTIMENTOS EM XEQUE

DIVULGAÇÃO



Petrobras: economistas criticam a obrigação de compra no país de produtos e serviços para a exploração. Isso também não atrairia o investidor privado

PRÉ-SAL

ESPECIALISTAS QUEREM MUDANÇA EM REGRAS

Modelo de partilha atual impõe Petrobras como sócia da exploração

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@redgazeta.com.br

Uma combinação que envolve corrupção, dívidas gigantes, problemas com o câmbio, queda no preço do barril do petróleo, falta de transparência e uma grande desconfiança do mercado têm colocado os projetos e investimentos da Petrobras em xeque em todo o país.

Para especialistas, contornar essa crise não é algo que será simples e rápido, mas minimizar os impactos é possível caso o governo federal mude as regras para exploração do pré-sal. Eles defendem que o modelo de partilha – que exige que a estatal seja a operadora

única de campos do pré-sal, com, no mínimo, participação de 30% – seja revisto.

Na avaliação do diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (Cbie), Adriano Pires, é necessário mudar as regras uma vez que a Petrobras não tem caixa suficiente para tocar os projetos que planejou e o atual formato não é atrativo para o investidor privado. “Fica muito difícil para a Petrobras assumir novos compromissos. Então, se o governo quiser atrair investidores para o Brasil e não onerar mais a Petrobras, ele precisa mudar essa lei”.

Pires pondera que, na partilha, a petrolífera que

quiser explorar os campos é obrigada a ser sócia da Petrobras. “Infelizmente, a Petrobras não é uma sócia que muita gente deseja. Então, para o bem do setor deveria ter novos leilões que não tragam essas limitações que a partilha impôs”.

Outra crítica do economista é quanto à obrigação de compra no país de produtos e serviços. “Hoje, um dos focos dessa corrupção é essa política de conteúdo local. Temos que aproveitar a situação de caos que foi criada para reconstruir o setor de maneira mais inteligente”.

O consultor-economista da Delos Consultoria, Daniel Souza, concorda que o

modelo atual afasta investidores. Mas, para ele, mesmo que aconteça a mudança na lei, as empresas vão continuar no curto prazo receosas de fazer investimentos.

O superintendente no Estado do Instituto Brasileiro de Petróleo e da Organização Nacional da Indústria do Petróleo, Evandro Milet, afirma que a medida que mais players participam da exploração do pré-sal, aumentam as oportunidades.

“Mais operadores são mais compradores no mercado e isso é sempre bom. Afinal, você não fica nas mãos de uma única companhia. O governo está numa sinuca de bico, ou ele abre o

mercado ou terá muitas dificuldades para dar continuidade aos investimentos”.

Entre os fornecedores, a preocupação é semelhante. O coordenador da RedePetro, Julio Wilson Ortega, lembra que 2014 foi um ano “desastroso” e diz que 2015 não será diferente. “Acho que a única salvação que tem seria a atuação das empresas privadas. A Petrobras sozinha não tem como investir. Se antes da crise já era difícil, agora então, que tem a queda do barril do petróleo, o panorama é extremamente comprometedor”.

O desejo dos especialistas também já vem sendo pauta entre a equipe da pre-

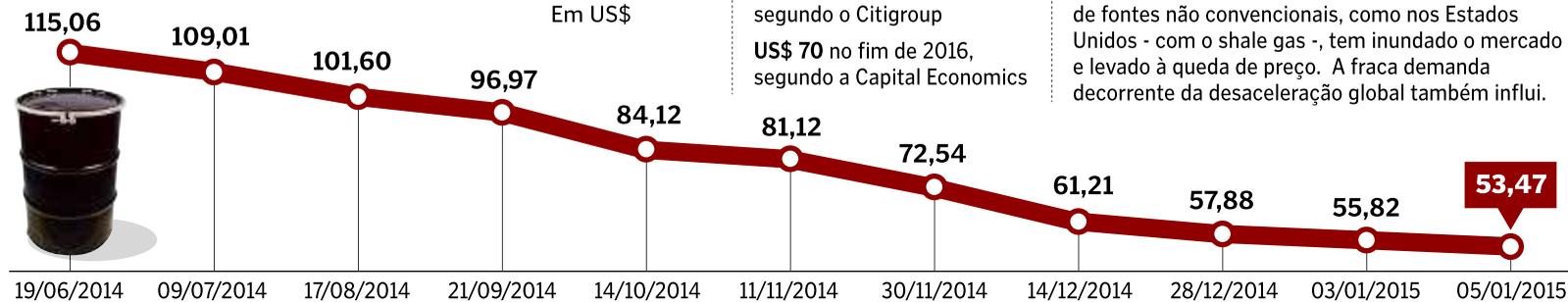
sidente Dilma. Nos bastidores, pessoas ligadas ao governo garantiram que há uma reflexão quanto à mudança na lei. “Essa reflexão vai acontecer. Se vai mudar ou não é outra coisa, pois a mudança no regime precisa passar pelo Congresso”, disse uma fonte.

No Congresso, já há movimentação na tentativa de mudar as regras. O senador Ricardo Ferraço é um dos defensores da quebra de exclusividade da Petrobras. “Minha proposta é reativarmos o que nunca deveria ter sido colocado de lado: o velho e bom modelo das concessões”, frisou, ao citar o projeto 416 de 2012.

INVESTIMENTOS EM XEQUE

A DISPUTA PELO PREÇO

Preço do barril do petróleo do tipo Brent (referência internacional) caiu mais de 50% de 19 de junho (pico em 2014) até ontem.



PREVISÕES

US\$ 63 em 2015, segundo o Citigroup
US\$ 70 no fim de 2016, segundo a Capital Economics

OFERTA

O aumento da oferta de petróleo produzido a partir de fontes não convencionais, como nos Estados Unidos - com o shale gas -, tem inundado o mercado e levado à queda de preço. A fraca demanda decorrente da desaceleração global também influi.

OPEP

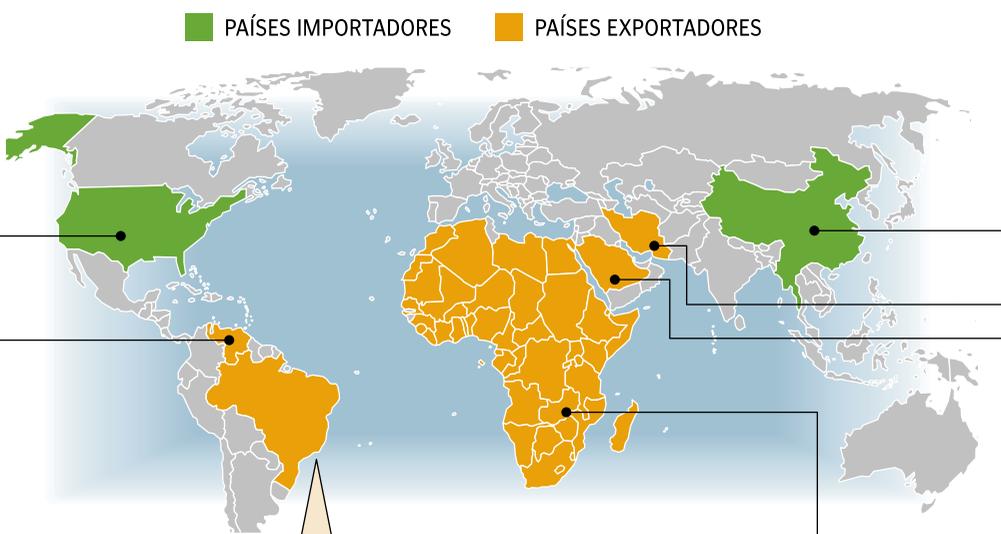
No final de novembro de 2014, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) anunciou decisão de continuar produzindo 30 milhões de barris por dia, quando no passado optou por reduzir a produção para estimular a alta do preço.

QUEM GANHA
Países que importam o petróleo tendem a ser beneficiados, uma vez que o custo se reduz. Além disso, a queda no valor do barril pode ter um efeito positivo na inflação, com preços tendendo a ficar mais baixos

QUEM PERDE
Países produtores veem redução da receita com a commodity e podem ter restrições no orçamento para fazer investimentos.

ESTADOS UNIDOS
Consumidores vão se beneficiar já que lá o preço da gasolina é atrelado à cotação internacional. Para produtores de petróleo não convencional, porém, a notícia é ruim.

VENEZUELA
Quase metade da receita (47%) do governo vem do petróleo. Em função da dependência da commodity, o presidente Nicolás Maduro anunciou um programa de cortes de gastos públicos.



BRASIL
O preço do petróleo prejudica o plano de investimentos da Petrobras, que já enfrenta uma forte crise envolvendo corrupção. Segundo dados da Petrobras, o custo de extração no pré-sal fica entre **US\$ 40 e US\$ 45** o barril. Ou seja, com preço menor do barril, os projetos do pré-sal ficam menos atraentes e, dependendo do patamar que chegam, podem até ser inviabilizados.

CHINA
Segundo maior importador de petróleo do mundo, o país se beneficia com o preço mais baixo. O movimento favorece a indústria e pequenos empresários.

IRÃ
Sofrendo com sanções internacionais, o Irã precisa do preço elevado para manter seus gastos. O orçamento de 2015 considera o barril a **US\$ 100**

ARÁBIA SAUDITA
Maior exportador de petróleo do mundo, foi a principal pressão para a Opep manter a produção de petróleo no nível atual. Apesar de o preço baixo afetar sua receita, o país tem condições de absorver essa cotação.

ÁFRICA
Nos países importadores, como África do Sul, os custos são reduzidos

A Gazeta | Editoria de Arte | Gilson

Petróleo sob grande pressão

Com queda do preço do barril, mercado teme que projetos do pré-sal sejam inviabilizados

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@redgazeta.com.br

Depois de ficar por quase três anos na faixa de US\$ 100, o preço do barril do petróleo tipo Brent (referência internacional) tem despencado nos últimos sete meses e, ontem, chegou a ser cotado abaixo de US\$ 55, o menor valor desde maio de 2009.

A cotação tem deixado o mercado agitado e apreensivo com os impactos

que isso representa para diversos países, especialmente os exportadores.

E, se o mundo todo está em sinal de alerta com a oscilação do barril, o Brasil vive uma situação ainda mais dramática. Os preços em declínio podem ser uma ameaça para a exploração e produção do pré-sal, que exige equipamentos de ponta e mão de obra altamente especializada para alcançar com sucesso profundidades de até 7 mil metros.

De acordo com cálculos da própria Petrobras, o custo de extração do pré-sal fica entre US\$ 40 e US\$ 45.

Dessa forma, se o preço da commodity continuar a cair, os projetos ficam menos atraentes e podem até se tornar inviáveis.

Mas, para fontes do alto escalão do governo federal, enquanto o barril estiver acima de US\$ 60, não será necessário rever projetos. Já entre funcionários da Petrobras, o sentimento é de que ajustes serão necessários.

“Lógico que uma luz amarela acende. Mas, pela minha experiência e pelo fato de a Petrobras não ter visão apenas de curto prazo, essas flutuações são normais. Aliás, já passamos

por isso outras vezes, em 1999 o barril chegou a US\$ 10. Mas, agora, não tem nada que dê sustentação a um preço baixo no médio e longo prazos”, analisa um executivo da estatal.

PLANO DE NEGÓCIOS

A fonte pondera, ainda, que mesmo com as oscilações e especulações naturais desse mercado, serão necessárias adequações no Plano de Negócios da petrolífera. “Com certeza vão ter ajustes de curto prazo. Nada, porém, que nos preocupe. É natural que o plano de negócios passe por mo-

dificações e isso não só para a Petrobras, mas para toda a indústria de óleo e gás”.

Na visão do economista e sócio da Valor Investimentos, Flávio Mattedi, a redução do preço do barril é mais um fator que tem comprometido o caixa da estatal.

“A Petrobras está com outros problemas além de todos os escândalos de desvios de recursos da empresa. O petróleo saiu de US\$ 106,40 em 31/12/2013 para 53,47 hoje (ontem). Essa queda no preço reduz o Capex (gastos em capital) da companhia. A agência de risco S&P rebai-xou, ainda, o rating de cré-

dito da empresa de BBB (-) para BB. Isso somado ao elevado endividamento da empresa deve restringir a possibilidade de conseguir financiamentos no mercado. Para completar, a Petrobras pretende anunciar o balanço apenas em fevereiro, e sem auditoria externa”.

Entre os motivos que influenciam a queda do preço do barril estão o excedente global, fruto de uma demanda fraca e da decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) de manter a produção de 30 milhões de barris por dia, e a valorização do dólar.

O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

“Corrupção, preço do barril e dívidas farão a Petrobras rever projetos”

ADRIANO PIRES, DIRETOR DO CBIE



“O Petróleo saiu de US\$ 106,40 (31/12/13) para US\$ 53,47 (05/01/15). Essa queda reduz o capex (gastos em capital) da Petrobras, principalmente do óleo explorado no pré-sal, que tem custo muito superior”

FLÁVIO MATTEDI ECONOMISTA

“Lógico que uma luz amarela acende (com a queda do preço do barril). É natural que o plano de negócios passe por modificações e isso não só para a Petrobras, mas para toda a cadeia”

EXECUTIVO DA PETROBRAS, QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR